

Correi Popular - 30 VII - 1975

Arte e Linguagem

Helio C. TEIXEIRA

A arte, para aqueles que a cultivam com verdadeira inclinação, constitui um sacerdócio. A atividade do artista se caracteriza na elevada missão de penetrar não somente na inteligência, mas também na sensibilidade dos que recebem sua mensagem. A razão é que seu objetivo de nivelar a cultura do povo, colocando-a num plano mais alto sem grandes e nem numerosas diferenças, deve igualmente contribuir para o aprimoramento das novas gerações. Por isso, não aceitamos o realismo cru, a obscenidade agressiva. O artista, que tem o senso de amor, justiça e dever, não desce às minúcias do imoral que escandalizava qualquer mentalidade consciente. Bem certo estava o nosso velho Machado de Assis que, na época do apogeu do realismo, não hesitou em condenar os excessos de seus adeptos mal orientados, tendo o mestre admitido a apresentação da realidade, mas sem a exploração do realismo que acaba por violar a verdade estética.

Outro aspecto, a nosso ver, de grande importância, tratando-se da arte de escrever, é a questão do estilo. Sendo a literatura, por meio da linguagem escrita, uma das mais belas criações do espírito humano, não podemos aprovar um escritor sem estilo; entretanto, é muito frequente verificar-se o desmazelo em que se encontra o conhecimento do idioma. O ensino é muito deficiente e, para comemorar essa falha, devemos tomar o rumo certo que é o apontado pelos mestres de todos os tempos. Emile Faguet, por exemplo, em sua obra "A Arte de Ler", aconselha os que estão na aprendizagem do estilo, a que leiam atentamente e releiam com igual atenção os melhores autores, anotando o que de importante se encontrar neles não só quanto às idéias como também quanto às construções de frase. O mestre foi, no entanto, pessimista, ao dizer que "un auteur de nos jours est un moine qui écrit pour son convent, isolé dans un petit monde isolé. La littérature est devenue conventuelle" Faguet escreveu isto no começo deste século. Que diria, então, nesta década de 70, se ainda vivesse? O enorme progresso material, que veio trazer ao homem tantos meios fáceis para obter entretenimentos, como principalmente a televisão, acabou por diminuir, mais ainda, o tempo, que já era curto, destinado à boa leitura.

Outra obra importante é "A Arte de Escrever.", de Antoine Albalat. Este autor considerou indispensáveis as seguintes qualidades de estilo: concisão, clareza, harmonia, simplicidade e correção. Albalat deixou de considerar perfeita a linguagem de Racine e Voltaire por haver no estilo de ambos o emprego de muitos adjetivos. São, no entanto, Racine e Voltaire grandes vultos da maior literatura de todos os tempos: a francesa. Albalat considerou perfeita a linguagem de somente os seguintes autores: La Fontaine, La Bruyère, Bossuet, Montaigne, Chateaubriand (este nas "Memórias de Além-Túmulo") e Flaubert. Este pequeno trecho, uma simples trova sem um adjetivo sequer, demonstra o acerto de Albalat na afirmação de que a mensagem concisa adquire mais força:

Neste mundo que nos cansa,
tanta maldade se vê,
que a gente tem esperança,
mas já nem sabe de quê!

(de José Maria Machado de Araujo)

Prova também a importância da expressão escrita este conceito de Renan: "Toda frase mal composta corresponde sempre a um pensamento inexistente" E Chateaubriand sentenciou mais categoricamente, tendo afirmado que "nada vive senão pelo estilo; embora protestem contra esta verdade, a melhor obra, cheia das melhores idéias, morrerá no nascedouro, se lhe faltar o estilo".

Não é, por conseguinte, propriamente o conteúdo que impressiona, mas a maneira pela qual é transmitido. Albalat, em sua obra citada, acrescenta que "todos aqueles que têm pelo menos mediana cultura pensam quase nas mesmas coisas, de um modo geral; a diferença está na expressão, no estilo de cada um, pois a pureza da linguagem é que eleva o que é banal, fazendo sobressair novos aspectos no que é comum, engrandecendo o que é simples e fortalecendo o que é fraco".

A célebre frase de Mallarmé: "Não é com idéias que se fazem versos; é com palavras" confirma igualmente o valor da linguagem. Cometeu, no entanto, certo exagero o iniciador do movimento simbolista, porquanto, embora sejam realmente indispensáveis as belas palavras (belas no sentido de harmonia e sugestão), entendemos também que nada ou quase nada podem exprimir sem o auxílio das grandes idéias. Por isso, a união perfeita destes dois elementos (a idéia e a palavra) é que, a nosso ver, produz o efeito ideal.

Uma qualidade do estilo, que tem enorme importância, é a clareza. Dela nascem várias outras, como a simplicidade, fluência e concisão. Julgamos, porém, necessário salientar que a simplicidade capaz de engrandecer o estilo é aquela que decorre de profundo conhecimento do idioma e da verdadeira técnica de escrever bem. E o estilo puro, em que se observam as qualidades apontadas por Albalat, também nos lembra um conceito muito feliz do trovador Adelmar Tavares, conceito expresso na beleza e na verdade desta singela quadra:

O linda, trova perfeita,
que nos dá tanto prazer!
Tão fácil depois de feita,
tão difícil de fazer!

Assim também é o melhor estilo: tão fácil depois de obtido, mas tão difícil de se conseguir!

va d
te se
da c
decl
de F
ger,
de a
sobr
nun

Orie
mas
sões
e Is

ção
ção
cre
me
to,
pa
giã

Isr
do
Isr
su
ga

co
m

A
é
ver
tiv
ex
qu
ou
a
in
sa
na
o
nã
ob
qu
ria
ve
ga
fe
re
al
qu
ser
to
qu
pa
de
pr
vid
vad
15
ent